

NEGOCIAR? SÓ COM DEMOCRATAS

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 01.05.1984

Depois da rejeição, apenas por 22 votos, da emenda Dante de Oliveira, as classes dominantes e bem pensantes voltam a falar em negociação. “É preciso negociar, é preciso negociar, é preciso negociar” dizem e repetem empresários e políticos conservadores.

Mas, “negociar o quê?” pergunta a sociedade civil, perguntam os trabalhadores, perguntam os políticos de oposição. “Negociar contra o povo?” “Negociar traindo o povo?” “Negociar traindo toda a própria sociedade civil que participou desta campanha cívica pelas eleições diretas?”

Para a oposição é extremamente difícil negociar neste momento, porque qualquer transigência em relação ao adiamento das eleições diretas é uma traição.

Por outro lado, é difícil acreditar que seja possível convencer mais 22 deputados do PDS a deixarem a covardia ou o oportunismo de lado, quando na votação da sub-emenda à emenda do governo. Mas não é impossível, se o Sr. Aureliano Chaves tomar uma posição mais clara e decidida, e se a pressão popular continuar sem que se perca a unidade partidária e interclassista da campanha.

No momento não há outra alternativa para a oposição senão continuar a luta e a mobilização popular. O comício nacional do próximo dia 13 será o primeiro passo.

O novo prazo é a votação da emenda do governo. O argumento hoje mais válido do que nunca a favor da mobilização popular pacífica é que é impatriótico eleger um presidente pelo Colégio Eleitoral. Já era impatriótico antes da campanha pelas diretas e da votação da emenda Dante de Oliveira. Agora, depois da campanha e dos 298 votos dados à emenda, é duplamente impatriótico é na verdade uma irresponsabilidade para a Nação

eleger alguém pelo Colégio Eleitoral. E é bem possível que mais 22 deputados do PDS acabem se apercebendo deste fato.

É claro que existe também a hipótese do mandato de transição. Mas quem terá autoridade para exercê-lo? E que programa mínimo deverá esse eventual candidato de união nacional apresentar à Nação? O mínimo seria a convocação de Assembléia Constituinte, a capitalização forçada dos juros da dívida externa e uma política econômica orientada para a retomada de crescimento. Ora, nenhum candidato do governo tem condições políticas para adotar esse programa, e um candidato da oposição não será aceito pelo governo.

Na verdade, não é possível negociar porque o governo, ao procurar adiar a extinção do regime autoritário, colocou-se contra a Nação. Por isso a luta continuará. As negociações serão possíveis, mas com os democratas do PDS, que são uma minoria mas existem e podem crescer. Com o governo, infelizmente, não há negociação possível. (01/05)